

Maksimizando a vida: uma homenagem aos 150 anos de nascimento de Maksim Górkî*

Luciana Oliveira de Barros**

Resumo: Este artigo é uma homenagem ao escritor russo Maksim Górkî (1868-1936), o amargo, em seus cento e cinquenta anos de nascimento. O trabalho analisa a veia humanista do escritor, que liga o seu ativismo político às suas obras. Indo de encontro às escritas de si mesmo, usaremos a obra *Minhas universidades* como fio condutor indispensável para que se reescreva uma história, onde as memórias privativas, obviamente assimétricas e de acesso aleatório, se mantenham num estado de conservação capaz de serem trazidas à realidade através da leitura unicamente da voz de Górkî.

Abstract: This article is a tribute to the Russian writer Maksim Gorky (1868-1936), "The bitter", in his one hundred and fifty years of birth. The paper analyzes the humanist vein of the writer who links his political activism to his works. Going against the writings of oneself, we will use the work *My universities* as the indispensable conductor for a rewriting of a story, where the private memories, obviously asymmetrical and random access, remain in a state of conservation capable of being brought to reality through the reading only of Gorky's voice.

Palavras-chave: Maksim Górkî; Literatura autobiográfica; Literatura política
Keywords: Maksim Gorky; Autobiographical literature; Political literature

O Homem¹

I

* Artigo submetido em 30 de setembro de 2018 e aprovado em 01 de novembro de 2018.

** Pós-doutoranda em Letras pela Universidade Vale do Rio Verde - UNINCOR, bolsista CAPES. E-mail: lobarros@yahoo.com.br

Nos momentos de fadiga do espírito, quando a memória aviva as sombras do passado e delas sopra um vento frio no coração, quando o pensamento, como um desapaixonado sol de outono ilumina o caos ameaçador do presente e gira fe-roz sobre a confusão do dia, sem forças para elevar-se mais alto, para voar e avançar – nas horas difíceis do cansaço do espírito eu conclamo à minha presença a figura majestosa do Homem.

Homem! É como um sol nascendo no meu peito, e na sua clara luz lentamente caminha – para a frente! Para cima! – o trágico e maravilhoso Homem! Vejo sua fronte orgulhosa, seus olhos profundos e corajosos e, neles, os raios do destemido Pensamento, aquela força grandiosa que nos momentos de cansaço cria deuses, e nos momentos de ânimo os derruba. Perdido no deserto do universo, sozinho num pequeno pedaço de terra, que voa em velocidade imperceptível para algum lugar dentro do espaço imensurável, torturado por uma martirizante pergunta: – Para que eu existo? – corajosamente ele avança – para a frente! Para cima! – pelo caminho da vitória sobre todos os mistérios da terra e do céu. Ele avança, irrigando com o sangue do coração seu caminho árduo, solitário e altivo, e com esse sangue ardente cria as eternas flores da poesia; habilmente transforma em música o grito melancólico de sua alma rebelde; da experiência, cria as ciências e, com cada passo seu embelezando a vida, semelhante ao Sol que enfeita a Terra com seus raios generosos, ele se move cada vez mais alto e mais distante, como uma estrela-guia para a Terra... Armado apenas com a força do Pensamento, que ora se assemelha a um relâmpago, ora é frio e calmo como uma espada, o Homem, livre e orgulhoso, marcha para longe, guiando seus semelhantes, acima da vida, sozinho entre os mistérios da existência, sozinho no meio da multidão dos seus erros, e todos eles se abatem sobre seu coração orgulhoso como um peso que o oprime, tortura sua inteligência, causando-lhe imensa vergonha e compelindo-o a eliminá-los. Ele avança! Dentro de seu peito os instintos

1 Tradução minha.

urram: a hedionda voz da soberba exige esmolas, como um mendigo insolente. Como a hera se prende ao muro, os fios tenazes dos apegos enredam seu coração, sugam seu sangue e em altas vozes exigem concessões, desejando dominar todos os seus sentimentos e ter o poder sobre sua alma. Nuvens de insignificâncias cotidianas são como lama e sapos nojentos no seu caminho. Assim como os planetas giram em torno do Sol, o Homem é rodeado por suas criações: o sempre faminto Amor, atrás do qual claudica a Amizade; à sua frente, cansada, vai a Esperança; o Ódio, abraçado pela Ira, faz soar as cadeias da paciência presas aos seus braços, e a Fé olha com olhos escuros para seu rosto rebelde e espera que ele se refugie nos seus abraços tranquilos... Ele conhece todos esses membros de sua triste comitiva – monstruosos, imperfeitos, frágeis produtos do seu espírito criador! Vestidos com farrapos de antigas verdades, contaminados pelo veneno dos preconceitos, eles caminham hostilmente atrás do Pensamento, sem conseguir acompanhar seu voo, assim como o corvo não consegue acompanhar o voo da águia, e competem com ele, apenas raramente fundindo-se com ele numa chama poderosa e criadora. Está também presente a eterna companheira do Homem – a Morte, muda e misteriosa, sempre pronta a dar um beijo em seu coração ardente de desejo de viver. Ele conhece todos os participantes do seu séquito imortal e, por último, descobre mais um – a Loucura... Alada, poderosa como um turbilhão, ela acompanha o Homem com seu olhar hostil e envolve o Pensamento com suas asas, tentando atraí-lo para sua dança selvagem... E somente o Pensamento é amigo do Homem, é o único que não o abandona, e apenas sua chama ilumina os obstáculos do seu caminho, os mistérios da vida, os segredos obscuros da natureza e o negro caos que habita seu coração. Livre amigo do Homem, o Pensamento olha para todos os lados com seu olhar arguto e lança uma luz impiedosa sobre tudo: as armadilhas astuciosas e pérfidas do Amor, o desejo de humilhar e humilhar-se e, atrás dele, o rosto sujo da Sensualidade; a impotência assustada da Esperança, acompanhada por sua irmã, a Mentira, sempre bem vestida e enfeitada, pronta para consolar a todos com palavras bonitas e enganosas. O Pensamento lança luz no coração mole da Amizade e ilumina sua cautela precavida, sua curiosidade vazia e cruel, as manchas podres da inveja e os germes da calúnia que nelas existem. O Pensamento percebe a força do Ódio negro e sabe que, se tirarem suas correntes, ele destruirá tudo na terra, e não

poupará nem os tenros brotos da justiça. Na paralisada Fé, o Pensamento ilumina seu maldoso apetite por um infinito poder, que anseia por escravizar todos os sentimentos, e as garras ocultas do fanatismo cruel, a impotência de suas asas pesadas e a cegueira de seus olhos vazios. O Pensamento entra em luta até com a Morte: para ele, que do animal criou o Homem, ele, que inventou uma infinidade de deuses, sistemas filosóficos, ciências – chaves para os segredos do mundo – para ele, independente e imortal, é repugnante e hostil essa força infecunda e muitas vezes estupidamente cruel. Para ele, a Morte é como uma catadora de lixo que ronda os fundos dos quintais e recolhe em seu saco sujo os restos inúteis, apodrecidos, mortos, mas que, às vezes, rouba descaradamente algo forte e saudável. Impregnada pelo cheiro da podridão, coberta com o manto do horror, muda, impassível, impessoal, a Morte está sempre diante do Homem como um mistério negro e carrancudo, e o Pensamento a estuda com zelo – criador e luminoso como o Sol, cheio de uma ousadia louca e da consciência orgulhosa da imortalidade... Assim o Homem caminha, rebelde, através da apavorante escuridão dos mistérios da vida – adiante! para cima! Sempre adiante e para cima!

II

Eis que ele se cansa, vacila e geme; o coração assustado procura a Fé, e em altos brados pede os ternos carinhos do Amor. E três pássaros, filhos da Fraqueza – o Desânimo, o Desespero e a Melancolia, aves negras e monstruosas – pairam funestos sobre sua alma, entoando soturnamente um canto que afirma que ele é um inseto, que sua consciência é limitada, que o Pensamento é impotente, que o sagrado Orgulho é ridículo e que, não importa o que ele faça, ele morrerá! Seu coração dilacerado estremece ao ouvir esse canto falso e cruel; agulhas da dúvida espetam seu cérebro e em seus olhos brilha uma lágrima de amargura... E, se o Orgulho que há nele não fica indignado, o terror da Morte autoritariamente o impele para a prisão da Fé e do Amor, sorrindo triunfante, atraindo-o para seus abraços, escondendo em ruidosas promessas de felicidade a triste impotência de tornar-se livre e o despotismo voraz do instinto... Aliada com a Mentira, a tímida Esperança entoa-lhe um canto sobre a

silenciosa felicidade da resignação, e com palavras suaves e bonitas embala o espírito sonolento, atirando-o no lodo da melíflua Preguiça e nas garras do Tédio, filho desta. E, induzido por sentimentos míopes, ele se apressa em encher sua mente e seu coração com o veneno agradável daquela Mentira cínica, que ensina abertamente que para o Homem não há outro caminho que não seja o da pocilga da tranquila autossatisfação. Mas o Pensamento é orgulhoso e o Homem lhe é caro – ele parte para uma luta feroz com a Mentira, e o campo de batalha é o coração do Homem.

Como a um inimigo, ela o persegue; como um verme, ela corrói sem descanso seu cérebro; como a seca, devasta seu peito; como um carrasco, tortura o Homem, apertando sem compaixão seu coração com o frio estimulante da saudade da verdade da vida, severa e sábia verdade da vida, que cresce, mesmo que seja devagar, e que é claramente visível através da escuridão dos enganos, como uma flor flamejante, nascida do Pensamento. Mas, se o Homem foi incuravelmente envenenado pela Mentira e tristemente crê que na terra não há felicidade maior do que manter a alma e o estômago cheios, que não há deleite maior do que a saciedade, a tranquilidade e as pequenas comodidades da vida, então, prisioneiro desse sentimento vitorioso, o Pensamento abaixa suas asas e dormita, deixando o Homem em poder de seu próprio coração. E, semelhante a uma nuvem contagiosa, a Vulgaridade podre, filha do Tédio vil, vem de todos os lados, arrastando-se sobre o Homem, envolvendo com uma poeira cinzenta corrosiva seu cérebro, seu coração e seus olhos. E o Homem se perde por sua fraqueza transformado num animal sem Orgulho e Pensamento... Mas, se explode nele a indignação, ela despertará o Pensamento, e o Homem novamente caminhará para a frente, sozinho, através dos espinhos dos seus erros, sozinho entre as centelhas calcinantes de suas dúvidas, sozinho no meio das ruínas de antigas verdades! Majestoso, altivo e livre, ele olha corajosamente nos olhos da Verdade e diz para suas dúvidas: – Vocês mentem quando dizem que sou fraco, que minha consciência é limitada! Ela cresce! Eu sei, eu vejo e sinto isso: ela cresce dentro de mim! Eu avalio o tamanho da minha consciência pela força dos meus sofrimentos, e sei que, se ela não crescesse, eu não sofreria mais do que sofria antes... – Mas a cada passo eu sempre quero mais, sempre sinto mais, enxergo cada vez mais longe, e esse rápido crescimento dos meus desejos é o poderoso crescimento de minha consciência! No momen-

to, dentro de mim, a consciência é semelhante a fagulhas. E daí? As fagulhas são as mães dos incêndios! No futuro, serei um incêndio na escuridão do universo! Fui chamado para iluminar o mundo, para derreter a escuridão de seus mistérios, para encontrar a harmonia entre mim e o mundo, para criar em mim mesmo a harmonia e, iluminando todo o caos sombrio da vida nesta terra soffredora, coberta, como uma doença de pele, com uma casca de desgraças, tristeza, amargura, ódio – varrer toda essa sujeira má para a sepultura do passado! – Fui chamado para desembaraçar os nós de todos os erros e enganos que amarram as pessoas assustadas num novelo sangrento e asqueroso de animais que devoram uns aos outros! – Fui criado pelo Pensamento para derrubar, destruir, pisotear tudo o que é velho, tudo o que é apertado e sujo, tudo o que é mau, e criar o novo nos alicerces inabaláveis de liberdade, beleza e respeito às pessoas, que foram criadas pelo Pensamento. – Eu, um inimigo intransigente da miséria vergonhosa dos desejos humanos, quero que cada pessoa seja um Homem! – Toda essa vida é sem sentido, vergonhosa e repugnante, onde o trabalho escravo e extenuante de uns tem a única finalidade de permitir que outros se fartem de pão e de satisfações do espírito! – Que sejam amaldiçoados todos os preconceitos, prevenções e hábitos que aprisionam o cérebro e a vida das pessoas, como uma teia viscosa. Eles perturbam a vida, oprimindo os seres humanos – eu os destruirei!

– Minha arma é o Pensamento, e a firme confiança na liberdade do Pensamento, na sua imortalidade e no eterno crescimento de sua criação é a fonte inesgotável de minha força! – Para mim, o Pensamento é o eterno farol na escuridão da vida, o único verdadeiro, é a luz nas trevas de seus erros desprezíveis; vejo que ele arde cada vez mais claro, sua luz alcança cada vez mais profundamente os abismos dos mistérios, e eu caminho, iluminado pelos raios do eterno Pensamento, seguindo-o, cada vez mais para o alto e para a frente! – Para o Pensamento não existem verdades indutíveis, não há coisas sagradas inabaláveis, nem na terra, nem no céu! Tudo foi criado por ele, e isso lhe dá o direito sagrado e inalienável de destruir tudo o que possa impedir sua liberdade de crescer. – Eu reconheço tranquilamente que os preconceitos são fragmentos de antigas verdades, e as nuvens de erros que agora rodeiam nossa vida foram formadas com as cinzas de antigas verdades, incineradas pela chama do próprio Pensamento, que em alguma época as criou. – E

tenho consciência de que são vencedores não aqueles que colhem os frutos da vitória, mas apenas aqueles que continuam no campo de batalha... – O significado da vida, eu vejo na obra, e ela deve ser autossuficiente e ilimitada. – Eu caminho para que minha luz arda cada vez mais clara e para iluminar cada vez mais profundamente a escuridão da vida. E a morte, para mim, é minha recompensa. – Eu não necessito de outras recompensas, pois vejo que o poder é indigno e tedioso, a riqueza é pesada e tola, a glória é um preconceito, nascido da incapacidade das pessoas de se avaliarem e de seu costume submisso de se humilharem. – Dúvidas! Vocês são apenas centelhas do Pensamento, nada mais do que isso. Testando a si mesmo, ele gera vocês por um excesso de vigor, e as alimenta – com sua própria força! – Chegará um dia em que no meu peito se fundirão numa chama imensa e criativa o mundo dos meus sentimentos e o meu Pensamento imortal, e com essa chama eu queimarei e expulsarei da minha alma tudo o que é obscuro, cruel e mau, e serei semelhante àqueles deuses que meu pensamento criou e cria! – Tudo está no Homem – tudo existe para o Homem! Eis que, novamente, majestoso e livre, erguendo para o alto sua orgulhosa cabeça, lentamente, porém com passos firmes, ele caminha sobre as ruínas de antigos preconceitos, sozinho na névoa cinzenta dos erros e enganos; atrás dele há uma nuvem pesada de poeira do passado, e à sua frente estende-se um amontoado de incertezas que o espera impassível. Elas são incontáveis, como as estrelas nos abismos do firmamento – para o Homem o fim da jornada não existe! Assim caminha o rebelde e insubmisso Homem – para a frente e para cima! Sempre para a frente e para cima!

(Maksim Górkí, 1903)

O presente conto, que inicia este artigo, confirma o quanto é difícil trabalhar com textos embasados na pulsão da vida. A infinitude do mundo e a abstração do homem são pontos que fazem turva a busca por uma meada que nos leve a uma conclusão. A dificuldade, no entanto, é o estímulo vindo da literatura de Maksim Górkí, que, além da capacidade de entreter, entrega aos leitores ferramentas para o autoconhecimento e para o entendimento da notável participação da literatura no processo de humanização do homem.

“O homem” reflete a fundamental estrutura preponderante na trilogia autobiográfica *Infância, Ganhando meu pão e Minhas universidades*, que é a evolução de um ser humano que está no mundo e cresce na tentativa de sobreviver nele. A jornada longa e tortuosa requer adaptações, porém, diante do turbilhão da vida, o que se espera é uma confluência entre o acúmulo de experiências, juntamente com o desejo de que o homem evolua e se transforme várias vezes em novos homens. A soma entre as vivências e o conhecimento, por sua vez, pode resultar em literatura, dado que ela tem a capacidade de armazenar tudo aquilo que fora produzido no mundo. Aqui, a literatura gorkiana se porta como uma grande biblioteca, facilitadora da constante procura pelo conhecimento.

– Veja, tudo pronto! Escrito com o sumo do coração! Sim, sim... com o coração... Seu rosto se ruboriza, os olhos inundavam-se com lágrimas de bêbado, mas certa vez, sóbrio, leu para mim um conto que acabara de escrever sobre um mujique, o qual, na hora de um incêndio, salvava do fogo e da morte o cavalo predileto do comissário de polícia rural que, uma hora antes dessa façanha, tinha quebrado dois dentes do heroico mujique por causa do roubo de uma cravija. O mujique sofreu uma queimadura grave, portou-se de forma heroica, foi levado para o hospital. Stárostin leu até o fim essa história comovente e desatou a chorar de alegria, balbuciou encantado: – Como é bonito, como está escrito com a alma! Pois é, meu irmão, aí está! Aprenda, entre no fundo da alma... O conto me desagradou muito, mas também fiquei à beira de chorar ao ver a alegria do autor. Seu sentimento sincero emocionou-me também com sinceridade. Mas por que chorava aquele homem desagradavelmente ridículo? Pedi que me desse o manuscrito e li de novo em casa. Não, o conto estava escrito de um jeito meloso e premeditadamente sentimental, como as falsas súplicas que os “sofredores infelizes” redigem para as viúvas ricas e bondosas. No entanto, o que provocara as lágrimas sinceras e a alegria infantil do autor? – Não gosto do conto – confessei a Stárostin. Enquanto arrumava com amor as páginas do manuscrito, soltou um suspiro: –Você é um bruto! E um obtuso. – O que comove o senhor nesse conto? – A alma! – gritou irritado. – Nele, a alma resplandece! Depois de gritar comigo até ficar satisfeito, tomou um gole de vodca e começou a falar em tom sério: – Aprenda! Você escreve poemas, e isso é besteira. Ninguém

precisa disso. [...] Lembre: nos versos, Púchkin pôs a perder o seu talento excepcional. A prosa, aí está a verdadeira literatura, a sagrada e honrosa prosa. Ele mesmo serviu para mim como a personificação daquela prosa sagrada. [...] A juventude e a instrução precária não me impediam de perceber com inquietação que, na “sagrada e honrada prosa”, podiam abrigar-se dramas pesadões e vulgares².

Desse trecho de *Minhas universidades*, sintetizamos que o homem que se humaniza durante o curso da vida vive cercado de livros, que se tornam a extensão da sua alma. Górkí, manejando sua experiência, confirma que sua literatura está cheia de vida prática e por isso mesmo pode ser assimilada por todos que a leem. A literatura pessoal de Górkí, além de ser um testemunho histórico insubstituível, não faz às vezes de registro verdadeiro do privado. Sua trilogia não configura lembranças recrutadas e escritas a esmo. Ela segue o ritmo representativo da imagem pessoal gorkiana, possuidora de um tom natural de comunicabilidade e um estatuto próprio de ficção.

Mesmo considerando o fato de Górkí se apresentar através de Aleksiei, seu personagem narrador, que leva o seu nome de batismo, chego à conclusão de que não há nada menos transparente do que uma autobiografia. Ao abrigar o jogo entre velar e revelar, Górkí escreve sua história escondendo e mostrando singelas evidências de que, mais do que um artista, ele é um criador da palavra. Pensar em um Górkí detentor de um estatuto próprio de ficção não seria demasiado estranho, uma vez que sua autobiografia é a expressão da intimidade. Seu texto se constrói a partir de um sujeito de enunciação, que se toma a si mesmo como objeto de conhecimento, modernizando, com isso, um típico exame de consciência. Górkí transforma suas “confissões” em uma literatura intimista que caracteriza boa parte dos textos modernos, cuja base é a subjetividade viabilizada por uma “mentira sincera”, produzida em uma época onde foi possível criar a partir de si próprio (a existência) tudo o que era normativo (a história).

Esse olhar sobre si é muito diferente do que se conhecia em matéria de entrega pessoal. Não vemos em Górkí um homem

2 GÓRKI, 2007c, p. 204. Grifo meu

perto do juízo final, mas alguém diante da crueldade social e das adversidades da vida. Enquanto Górkí divaga em linhas, nós entendemos que o seu “eu” anda por um caminho de contestação.

Parece-me que não assimilei tais fantasias dos romances que li, mas sim as criei e as desenvolvi a partir de um sentimento de contradição da realidade, pois: “Eu vim ao mundo para não concordar”. Além disso, havia em mim uma recordação estranha, confusa: Em algum lugar além das fronteiras da realidade e em algum momento no início da infância, experimentei uma espécie de violenta explosão do espírito, o doce tremor de uma sensação – ou melhor, de um pressentimento de harmonia –, provei uma alegria mais radiosa do que o sol da manhã, quando desponta³.

Ao criar a figura de Aleksiei, Górkí “participa do evento da vida e não está submetido, portanto, à ideia de unidade temática e estrutural”. O teor da reflexibilidade gorkiana vem do aumento gradativo da percepção das irrupções cotidianas em cada período de tempo. Essa também é uma característica marcante do discurso autoconsciente de Górkí, que conseguiu imprimir na trilogia autobiográfica um contato constante com a realidade que não atrapalhou o processo reflexivo de interpretação.

Além disso, devemos considerar que a distância temporal (e emocional) entre o autor e o narrador conduz a uma semelhança entre eles. Assim, é através dos cortes abruptos contidos em *Minhas universidades* que Górkí se porta como autor e intérprete de si mesmo, mesmo sem se denunciar. Essa relativa separação entre o autor-Górkí e o narrador-Aleksiei, na ficção, é o que torna possível a transformação da autocompreensão em interpretação, justificando a presença da subjetividade no discurso autobiográfico. As circunstâncias que provocam o autoentendimento são difusas e dependentes de personalidades únicas, o que torna o ato criador uma produção de um sujeito escritor de si, satisfeito com a condição de não ter o controle absoluto sobre a sua construção.

Górkí nos sugere a considerar o tempo como lacunar e a

3 GÓRKI, 2007c, p. 232

continuidade temporal como uma obra, um trabalho do seu sujeito. Valoriza-se a inserção do sujeito na construção do processo temporal proposto num texto de cunho autobiográfico. As possíveis lacunas e rupturas pelas quais passa a narrativa são frutos da continuidade incerta do tempo, pois “[na] relação com a vida, havia algo semelhante à confiança de uma criança na ilimitada habilidade de um mágico – todos os truques apresentados são interessantes, porém o mais interessante ainda está por vir. Vão apresentá-lo agora mesmo, talvez amanhã – um dia vão apresentar”⁴.

Para Górkí/Aleksiei, a humanidade caminhava para um triste patamar de hipocrisia nas relações sociais. Sem um estilo refinado, porém agudo na constatação da miséria do homem, Górkí fez de seu Máximo alguém que foi crítico ao responsabilizar cada um pelas escolhas feitas no curso da vida, atitude que se tornou a natureza da autoinvenção do seu relato autobiográfico.

Enquanto eu olhava como a corrente do Volga tremia numa faixa bordada de luz e como, depois de surgir em algum ponto distante na escuridão, o curso do rio desaparecia na sombra negra da margem montanhosa – eu sentia que meu pensamento ficava mais bem disposto e mais aguçado. Era fácil, então, pensar em coisas inapreensíveis por meio de palavras, em coisas estranhas a tudo o que eu vivera. [...] Coisas lidas nos livros tomam a forma de fantasias estranhas, a imaginação, sem cessar, tece pinturas de beleza incomparável, e a gente parece flutuar no ar suave da noite, seguindo o rio⁵.

Ao navegar pela vida, Górkí observou todos os estilos da existência humana e coletou informações referenciais importantes para a fase mais madura de sua ficção. A trilogia evidencia a vida normal como uma aventura sem que haja necessidade de que se vague sem destino pela imaginação. A existência de Aleksiei durante os anos narrados foi cheia de pequenos desafios e deles saiu a melhor perspectiva para que houvesse o exercício autobiográfico fiel ao real e ao ficcional

4 GÓRKÍ, 2007c, p. 258.

5 GÓRKÍ, 2007c, p. 140

simultaneamente. A normalidade do cotidiano cercou Górkí de uma aura especial, cuja força o fez aprimorar sua perícia em observar cumulativamente aquilo que estava ao seu redor. Essa completa normalidade do personagem gorkiano concedeu às obras um efeito de fluidez do tempo, elemento de suma importância para que as fronteiras entre o real e o ficcional se diluíssem.

Minhas universidades é um texto diferenciado, pois “finaliza” um exercício autobiográfico com um poderoso posicionamento indicador de que tanto a história quanto a ficção trabalham com o objetivo de provocar o ato de leitura com a tarefa de refigurar o material que ambos têm em comum: o tempo. O ato de ler que direcionou a conduta intelectual de Górkí e que aguça a curiosidade são congregadas num momento essencial, visto que a leitura é responsável pela efetuação de qualquer texto. Nesse livro final, Górkí concretiza uma intencionalidade que tem por princípio a refiguração de um tempo comum à história e à ficção. Para deixar mais visível a sua concepção, o autor, consciente, continua ficcionalizando a sua própria história, que também fez parte da grande história russa.

Aos sessenta e seis anos, em 1934, escreve em artigo político:

O humanismo proletário⁶

“O mundo está doente”, constatam não apenas os bolcheviques, mas também os construtores líricos humanitários que, enfim, entenderam que “humanidade”, “compaixão”, “generosidade” e outros elementos com os quais os predadores bípedes tentaram cobrir sua natureza de lobo são sentimentos não aplicáveis à realidade, difíceis de transformar em mercadoria, pois não encontram clientes e prejudicam o crescimento dos lucros comerciais e industriais.

“O mundo enlouqueceu”, dizem cada vez mais alto as pessoas que escolheram como vocação a defesa justificada do irresponsável e desumano poder do capital sobre o mundo do trabalho, a defesa sem limites e insensata da exploração da energia dos trabalhadores pelos senhores.

6 Tradução minha.

A história da “doença” do capitalismo começa quase imediatamente após a burguesia arrancar o poder das mãos dos senhores feudais desgastados. Pode-se dizer que, primeiramente, quem notou essa doença e desesperadamente gritou acerca dela foi Friedrich Nietzsche, um contemporâneo de Karl Marx. Coincidência ou não, todos os fenômenos da vida têm algum fundamento, e não é por acaso que, naqueles anos, quando Marx provou cientificamente de forma conclusiva a inevitabilidade do poder proletário, Nietzsche, com a fúria de um fanático desesperado, tenha pregado o poder ilimitado da “besta loira”. Até Nietzsche condenou o estado burguês, a religião, a moral e reivindicou o direito do indivíduo ao egoísmo sem limites de Max Stirner – sob esse esconderijo de negação anarquista, em essência, há uma negação do “humanismo” que a burguesia começou a desenvolver ainda na Idade Média, no início de uma guerra contra o feudalismo e a Igreja, liderança ideológica dos feudais.

A inconveniência e inconsistência desse “humanismo” na prática cotidiana da burguesia foram entendidas desde muito cedo, como evidenciado pelas reformas eclesiásticas de Lutero, Calvino e outros. Em essência, essa reforma se deu para que o Evangelho “humanitário” fosse substituído pela Bíblia, que não apenas considerava natural, como inclusive elogiava a guerra entre as tribos, o extermínio, o roubo, a fraude e tudo aquilo sem o que o Estado burguês não poderia existir. Antes de Lutero, a igreja dissertou sobre como trabalhadores precários construtores da cultura deviam sofrer e ser pacientes em nome de Cristo, Lutero, com franqueza incomum para os sacerdotes, ensinou no século XVI, nos anos da insurreição revolucionária, aos camponeses e artesãos: vivam e trabalhem para que seja mais fácil aos reis e barões dirigir vocês. “Sejam pacientes, cedam o corpo e sua propriedade, não se rebelem contra a autoridade e contra o violentador”.

Não há necessidade de provar a falsidade e a hipocrisia do “humanismo” burguês em nossos dias, quando a burguesia, organizando o fascismo, funda o seu próprio humanismo, como uma ousada máscara que cobre a cara de uma atrevida fera, e faz isso porque para ela o humanismo é entendido como uma das razões de sua cisão e apodrecimento. Os fatos mencionados acima mostram que, cada vez mais, quando as pessoas sensíveis, alarmadas com o espetáculo de abominações do mundo, fizeram ingênuos esforços filantrópicos

para aliviar essas abominações ou cobri-las com discursos bonitos, os mestres da vida, os lojistas, admitiram essa mensagem como uma tentativa de acalmar as pessoas descontentes com a miséria, a injustiça, a opressão e muitos outros resultados inevitáveis do mundo de atividades “culturais” dos lojistas. Mas assim que a irritação da massa operária tomou uma forma social-revolucionária, a burguesia respondeu com uma “ação-reação”. [...]

Atualmente, diante do poder, levantou-se, de modo historicamente e cientificamente sólido, o verdadeiro humanismo proletário universal de Marx, Lenin e Stalin, um humanismo cuja finalidade é a completa libertação do povo trabalhador de todas as raças e nações das garras do capital. É uma doutrina verdadeiramente humana que provou de modo decisivo que as garras de aço do capital são feitas pelos trabalhadores e que justamente os proletários constroem para o capital uma “vida bonita”, permanecendo miseráveis e impotentes.

Esse humanismo revolucionário dá ao proletariado o direito histórico de uma luta implacável contra o capitalismo, o direito de arruinar e destruir todos os fundamentos vis do mundo burguês. Pela primeira vez na história da humanidade, o verdadeiro amor ao homem é organizado como força criativa. Ele tem por objetivo a libertação de milhões de pessoas trabalhadoras que labutam sob o poder brutal e sem sentido de uma minoria insignificante, ele mostra para centenas de milhões de trabalhadores braçais que é justamente o seu trabalho que cria todos os valores da cultura e que, em base a esses valores, o proletariado deve criar uma nova cultura universal do socialismo, que estabeleça firmemente no mundo a fraternidade e a igualdade do povo trabalhador.

Esse humanismo do proletariado não é fantasia, nem teoria, mas uma prática corajosa e heroica do proletariado da União dos Sovietes Socialistas, uma prática que provou que na Rússia, antes burguesa, camponesa e “bárbara”, realmente se construiu a fraternidade e a igualdade dos povos, e indiscutivelmente desenvolve-se um processo que visa transformar uma grande quantidade de energia física em energia intelectual.

O que os capitalistas de todos os países opõem ao crescimento da consciência revolucionária da classe trabalhadora?

Tensionando as últimas forças para manter sob seu poder o bilhão de trabalhadores do mundo, defendendo a sua liberdade insensata de exploração do trabalho, os capitalistas organizam o fascismo. O fascismo é a mobilização e organização pelo capital das camadas doentes e moralmente exausta da sociedade burguesa, uma mobilização de crianças histéricas, que sofreram com a guerra de 1914-1918, crianças da pequena-burguesia, que buscam “vingança” pelas derrotas e pelas vitórias, que, para a burguesia, resultaram não menos destruidoras do que as derrotas. [...]

Não vamos fechar os olhos: entre os fascistas há não poucos trabalhadores que ainda não entenderam a força decisiva do proletariado revolucionário. Não ocultemos que o capitalismo é um parasita muito poderoso do mundo, pois os operários e camponeses, entregando em suas mãos as armas e o pão, continuam a alimentá-lo com sua carne e sangue. Esse é o fenômeno mais triste e vergonhoso de nossa violenta contemporaneidade. É chocante que se esteja alimentando de forma submissa o inimigo. Tal vergonha é responsabilidade dos líderes social-democratas, cujos nomes estão agora e para sempre envoltos pelo brilho amarelo reluzente da vergonha. É surpreendente a paciência dos desempregados, das pessoas famintas face a fatos como, por exemplo, a destruição de produtos alimentícios a fim de manter seu preço de mercado em certa faixa, enquanto o desemprego aumenta, o salário é reduzido e o poder de compra até da pequena-burguesia cai. [...]

Ao armar adolescentes e jovens tanto com revólveres quanto com as ideias ultrapassadas do nacionalismo e do racismo, educando a juventude com um cinismo social, uma paixão sádica pelo assassinato destrutivo, os capitalistas organizam essa juventude não apenas como ajudantes da polícia em sua luta contra o proletariado revolucionário, mas a usam como um veneno que será injetado no sangue do exército de operários e camponeses, armados com equipamentos modernos de extermínio humano. Os capitalistas bem lembram que os operários e camponeses, disciplinados pela brutalidade dos quarteis, mostraram em 1918-1920 que seu serviço absurdo e suicida tem limites e que depois desses limites há baionetas e canhões. Depois de operários e camponeses exterminarem-se e aleijarem-se mutuamente, deixarão de servir aos interesses do capital. É claro que “antes tarde do que nunca”, mas é preciso aprender com o inimigo

de classe: o capitalista destrói o trabalhador antes de o trabalhador levantar sua mão contra ele. [...]

Os grupos nacionais de capitalistas apressadamente preparam-se para uma nova guerra mundial, novamente querem dividir o mundo para a mais ampla e confortável exploração do trabalho dos operários e camponeses. Países pequenos novamente são ameaçados sob o perigo dos “gigantes de aço”, que querem novamente retirar-lhes o direito de desenvolverem livremente sua cultura.

Nas massas multilíngues e multiétnicas do proletariado, o imperialismo e o fascismo semeiam as sementes do mal do ódio étnico, da negligência e do desprezo, o que pode se transformar em ódio racial e impedir o desenvolvimento pacífico da consciência de interesses de classe, a consciência salvadora, a única que pode libertar os operários e camponeses de todo o mundo da posição de escravos indefesos e sem direitos de lojistas ensandecidos. A sua disputa comercial e industrial pode facilmente se transformar – e já se transforma cada vez mais – em ódio racial e em guerras raciais. [...]

A teoria racial é o último recurso “ideológico” do capitalismo moribundo, cuja respiração pode envenenar mesmo as pessoas mais sãs, porque elas já estão bastante corrompidas pelo longo espetáculo de impunidade da escravidão imposta por europeus brancos fortemente armados contra indianos, chineses e negros desarmados.

Apenas o proletariado revolucionário em frente única pode resistir ao envenenamento infame e ao saque impune contra seus irmãos de classe.

Esse proletariado, educado pela ideologia de Marx-Lenin, que é colocada em prática por seu sábio líder Stalin, esse proletariado provou ao mundo que em seu poderoso país todas as tribos e raças são absolutamente iguais em seu direito à vida, ao trabalho, para desenvolver suas culturas. Anal-fabetos, que não tinham sequer uma língua escrita, povos russos semisselvagens tiveram aberta diante de si pelo proletariado uma longa estrada para o conhecimento. Na União dos Sovietes Socialistas não há nenhuma tribo, por insignificante que seja numericamente, que não tenha comprovado a sua sede por cultura e sua habilidade para percebê-la.

A rapidez do desenvolvimento cultural da população da União dos Sovietes é reconhecida pelas pessoas honestas de todos os países. Supõe-se que as pessoas honestas, reconhecendo esse fato, devam tirar disso conclusões muito simples,

moralmente higiênicas: subjetivamente e objetivamente é muito mais útil e mais honesto viver em um ambiente saudável do que em um meio contaminado com doenças sociais e sentenciado à morte. Reconhecendo o proletariado como capaz de tal criatividade social, é muito mais útil impulsionar nele o desenvolvimento de sua sede de conhecimento, talentos e consciência do seu propósito histórico, o que já começou a ocorrer em um país onde vivem 170 milhões de pessoas. Provavelmente, os sentimentos de autoestima dos mestres da cultura “humanista” se veem abalados diante da negação da cultura pelos lojistas e sua ofensiva contra toda a técnica que não seja a técnica militar, projetada para destruir pessoas. Mas não é perceptível que os mestres da cultura protestem queimando livros que contradizem o fascismo, que preguem a misantropia contida nas teorias nacionais e raciais, que se preparem para uma nova guerra de ódio – para a destruição insana da vida de muitas pessoas saudáveis, para a destruição pelo fogo dos antigos valores culturais, para a destruição de cidades, a destruição daquilo que é resultado do trabalho duro das massas que criaram as fábricas, trabalharam os campos, construíram pontes, estradas. A loucura dos predadores não pode ser curada pela eloquência, tigres e hienas não comem bolo.

Não é perceptível que os “humanistas” tenham algum tipo de amor genuíno ao homem, não está claro que eles sintam a grandiosa tragédia heroica e entendam quem de fato são seus heróis. Aproxima-se o tempo em que o proletariado revolucionário pisará como um elefante no formigueiro de lojistas – pisará e o esmagará. Isso é inevitável. A humanidade não pode perecer por causa de uma minoria insignificante e decrépita que está se decompondo em dor e ganância incuráveis. Pôr fim a essa minoria é um ato de enorme justiça, e a história determina que esse ato seja realizado pelo proletariado. Depois desse grande ato começa o trabalho internacional amistoso e fraterno dos povos do mundo – um trabalho pela livre e linda criação de uma nova vida.

Isso é credence? Para o proletariado, foi-se o tempo em que a fé e o conhecimento se enfrentavam como mentira e verdade. Onde o proletariado governa, onde tudo é construído por sua mão poderosa, não há lugar para credence. Lá a fé é o resultado de que o homem conheceu a força de sua razão, e essa fé, ao mesmo tempo em que cria heróis, não cria deuses.

(GÓRKI, 1934)

Górki se apoia especialmente na fala de seus personagens mergulhados na subjetividade. No entanto, em seus discursos políticos, sem ficções, temos uma narrativa fragmentária, porém com grande interação com a história. *Minhas universidades* instauram algumas discussões acerca do destino da Rússia e as prováveis consequências de uma revolução que batia à porta. Górki utiliza a ficção sem se desvencilhar das próprias experiências, muitas delas traumáticas, e vai tecendo comentários bastante críticos, contando com seu narrador fictício como porta-voz. Quando o tempo passa e a história não é mais passado e sim presente, Górki demonstra que vale lembrar dos momentos conflituosos, que nos fazem compreender o vai-e-vem do tempo da memória, pois uma vida acidentada cria uma brecha temporal que destrói completamente a linearidade dos fatos e dá complexidade às ideologias de vida. Assim como o seu narrador-personagem Aleksiei transpõe a frágil linha do espaço e do tempo, Górki utiliza sua memória interior para narrar as suas vivências e deixar clara a sua maneira de sentir.

No artigo proposto, quase tudo no homem era vaidade. A ausência de substância nas ações humanas havia se tornado a regra e não a exceção na Rússia. Desde cedo, Górki percebeu que se movia num mundo de aparências e que essas aparências não eram mais tidas como fenômeno capital, mas real em si. Górki questiona pouco o mistério que se esconde por trás do visível, mas se deixa livre para entender o “mistério” de cada acontecimento singular, ou seja, ele procura chamar a atenção para aquilo que é ordinário. Para ele, o homem é frágil, porém seu pensamento não é pessimista, pois a cada linha ele insiste em trazer o homem de volta ao mundo. Assim, se tem claro que qualquer que seja a duração de cada vida, ela é sempre completa. Em *Minhas universidades*, Aleksiei se inclina aos pensamentos revolucionários (tal como Górki no artigo), entretanto, aos poucos, se esclarece do fato de que toda ideia de revolução pressupõe um ideal e uma crença numa ordem a ser seguida a qualquer custo, numa Rússia que se encontrava corrompida pelos próprios regimes de governo (tanto a monarquia quanto o socialismo). Essa consciência política mis-

turada ao caráter humano do autor trouxe um tom prudente à voz autobiográfica. O curso natural da vida talvez seja a chave para entender que mesmo não tendo acesso a qualquer outro nível de realidade, quer por ser à época inacessível, quer pelo fato do menino já estar inserido na única realidade que havia, só restava então mergulhar no mundo tal como ele era. Esse mundo “tal qual era” exigia obediência e a natureza que nele havia surgia como “coisas fora de nós”.

Entretanto, Górkí se coloca contra essa obediência a um mundo incoerente e, diferentemente de muitas filosofias, não separa a natureza da arte humana, pois, para ele, a natureza e a razão não se opõem. Górkí não trata a razão como uma arrogante ferramenta para controlar a natureza justamente por saber que ela não é algo estável e ordenado, e sim uma peça que revela a fragilidade do “eu”. Para Górkí,

“não existem ideias fora do homem: o homem é somente o homem, o criador de todas as coisas, o criador de milagres e o futuro senhor de todas as forças da natureza. As mais belas coisas deste mundo são as criadas pelo trabalho, por hábeis mãos, e todos os nossos pensamentos e nossas ideias nascem do processo do trabalho”.

Contudo, se pudéssemos classificar a obra *Minhas universidades* em uma frase genérica, poderíamos dizer tranquilamente que se trata de um livro sobre o desejo e a amargura da não realização. Todos procuram algo, desejam algo, agridem-se, matam-se, mas a verdadeira motivação de tudo é a procura por outra coisa, outro lugar, uma situação fora da miséria financeira e, sobretudo, a moral. Górkí adentra, tanto no factual quanto no ficcional, à discussão do que é ser bom e mau, do que é mentira e verdade, do que é ser e não ser alguém. Nesse jogo de questionamentos, cada um de nós ganha a aparência de um andorlho, seja em sua própria vida, seja em sua existência na Terra.

Górkí é multifacetado, se contrapõe a algumas pessoas e complementa outras. Sua fala mansa, às vezes, esconde sua ironia e rudeza. Mesmo sendo “o amargo”, sua postura ante a vida é de otimismo, mas ele não se furta em ficar triste por alguém ou por todos ao mesmo tempo. A narrativa de Górkí

consegue dividir a atenção em diversos matizes e trabalha essas idas e vindas de forma natural e fluída. Já seu artigo *O humanismo proletário* se apresenta como um protesto, uma junção de pontos de observação cuja importância ou gravidade imediata ultrapassa mais que um dia na vida de todos nós.

Talvez por ser atemporal, Górkí, encontra leitores facilmente. Suas personagens são seres humanos doentes de desejo por uma vida melhor, mas presos à própria realidade que desprezam por uma preguiça ou descrédito tamanhos que os impede de fazer algo para que tudo mude. Não é preciso muito esforço para estabelecer as devidas relações com as várias classes sociais que compõem as sociedades contemporâneas. Mesmo tendo sido escrita no início do século XX, *a trilogia autobiográfica gorkiana* é uma obra atual e irretocável, que merece ser vivida intensamente.

Referências bibliográficas:

- GÓRKI, Maksim. *Infância*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac&Naify, 2007a.
- _____. *Ganhando meu pão*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Cosac&Naify, 2007b.
- _____. *Minhas universidades*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac&Naify, 2007c.
- _____. *Pequenos Burgueses*. Editora Brasiliense, 1965.
- _____. *Pequenos Burgueses e A mãe*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. *Pequenos Burgueses*. São Paulo: Hedra, 2010.
- _____. *Contos italianos*. Trad. Sérgio Faraco. Florianópolis: Garapuvu, 1998.
- _____. *Os vagabundos. Malva, Tchelkache, Konovalov*. Trad. Araújo Alves. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- _____. *Contos*. Trad. Boris Schnaiderman. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.
- _____. *Como aprendi a escrever*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

_____. "Пролетарский гуманизм". Disponível em: <http://gorkiy.lit-info.ru/gorkiy/articles/article-361.htm>, último acesso em 25/09/2018.